



**A BUSCA DO SENTIDO DA VIDA EM ADULTOS
JOVENS COM IDEIAÇÃO SUICIDA**

Harieádine Vieira Maier

Caxias do Sul, 2019

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE PSICOLOGIA

**A BUSCA DO SENTIDO DA VIDA EM ADULTOS
JOVENS COM IDEIAÇÃO SUICIDA**

Trabalho apresentado como requisito parcial para a aprovação na disciplina PSI0512D – Trabalho de Conclusão de Curso II, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Rossane Frizzo de Godoy.

Harieádine Vieira Maier

Caxias do Sul, 2019

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me conduzir durante essa trajetória em busca de conhecimento sobre Sua obra-prima que é o ser humano. Por Sua presença nos momentos difíceis e inspiração desde o início da vida acadêmica.

Aos meus pais, Adão e Jussara, pelas palavras de ânimo, por acreditarem em mim, por compreenderem sempre minha ausência, pelos milhões de quilômetros feitos para estarem perto ao longo desses seis anos. Obrigada pelo amor, incentivo e confiança. Pelos valores ensinados que formam a base do que sou hoje. Tudo isso também foi por vocês.

A minha irmã, Julie, por sua alegria e vontade de viver que sempre me trouxe incentivo. Pela companhia nos momentos de correria e solidão. Pelo carinho e cuidado de irmã mais velha. Pela parceria nas saídas e na vida.

Aos colegas de trabalho que, mesmo sugando meus finais de semana, sempre colaboraram para que eu pudesse estar nas aulas e eventos acadêmicos.

Aos professores por transmitirem conhecimento e confiança, essenciais para minha formação. As minhas supervisoras de estágio Dr^a Tânia Maria Cemin e Dr^a Magda Macedo Madalozzo por toda paciência, compreensão e carinho. E em especial a minha orientadora Dr^a Rossane Frizzo de Godoy, pela dedicação nas orientações e pelo exemplo ao desempenhar sua função e profissão com tanto amor.

Sou grata pela vida de vocês que me acompanham e fazem parte dessa conquista.

Haricádine

“Quando já não somos capazes de mudar uma situação (...) somos desafiados a mudar a nós próprios.”

Viktor Emil Frankl

SUMÁRIO

RESUMO	7
INTRODUÇÃO	8
OBJETIVOS	10
REVISÃO DA LITERATURA	11
Ideação Suicida	11
Adulto Jovem	13
Sentido da Vida	16
MÉTODO	20
Fonte	20
Delineamento	20
Instrumento	20
Procedimentos	20
Referencial de Análise	21
RESULTADOS E DISCUSSÃO	22
Categoria 1: Ideação Suicida	23
Categoria 2: Vivências do Adulto Jovem	25
Categoria 3: Sentido da Vida	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	37

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Categorias, Unidades de Análise e Cenas Correspondentes.....	22
Tabela 2: Categoria 1 - Ideação Suicida.....	23
Tabela 3: Categoria 2 - Vivências do Adulto Jovem.....	25
Tabela 4: Categoria 3 - Sentido da Vida.....	28

RESUMO

A ideação suicida, algo comum também em pessoas com perturbações mentais, é um dos assuntos mais difíceis de serem tratados na sociedade e demanda atenção e intervenções imediatas. Na fase do adulto jovem o suicídio está entre as quatro maiores causas de morte. Nesse contexto, estudos sobre ideação suicida que busquem um aprofundamento são relevantes e necessários. O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo geral identificar possíveis contribuições do sentido da vida em adultos jovens com ideação suicida. O estudo também propõe, como objetivos específicos, caracterizar ideação suicida, apresentar as características biopsicossociais do adulto jovem e ainda conceituar o sentido da vida a partir da logoterapia. Esse trabalho possui como delineamento a pesquisa qualitativa, com cunho exploratório e interpretativo. Como fonte de pesquisa foi escolhido o artefato cultural *A liberdade é azul*. Como instrumento foi utilizada uma tabela para fazer a descrição e categorização das cenas. O referencial de análise utilizado foi baseado na análise de conteúdo. O recorte dos conteúdos se deu por meio do modelo aberto, com categorias *a posteriori*. A estratégia adotada como modo de interpretação foi o emparelhamento. A partir da análise dos resultados emergiram as seguintes categorias: “Vivências do Jovem Adulto”, “Ideação Suicida” e “Sentido da Vida”. Através da análise das cenas do referido filme e o emparelhamento com a teoria foi possível observar como a personagem busca ressignificar a vida após as perdas e como os propósitos podem ser redirecionados a partir dos valores. Foram identificadas as unidades de análise e relacionadas com a história da personagem principal. Através do trabalho, da perda da família nuclear e da separação da família de origem é possível identificar as vivências do jovem adulto, fase da vida retratada no artefato. Em virtude dos acontecimentos em sua vida, a personagem entra em desespero e tenta suicídio. O sentido da vida é percebido ao final do filme na busca dos valores de atitude e de criação que a personagem desempenha através da experiência com a tríade trágica vivida no sofrimento a partir da morte da família. Assim, o artefato escolhido foi fundamental para identificar as contribuições do sentido da vida em adultos jovens com ideação suicida.

Palavras-chaves: ideação suicida, suicídio, logoterapia, sentido da vida, adulto jovem

INTRODUÇÃO

Durante a graduação estuda-se a importância de tratar o ser humano de maneira a ajudá-lo a valorizar a vida. Do mesmo modo, o trabalho do profissional da psicologia é oferecer alternativas para que as pessoas possam viver o bem-estar em sua forma mais autêntica. Pessoas que passam por tentativas de suicídio ou que pensam em tirar sua própria vida necessitam de ajuda para descobrir razões para continuar buscando o sentido de viver. Na disciplina de Psicologia e Psicoterapia Humanista e Existencial é estudada a busca do sentido da vida, através dos conceitos de Viktor Frankl, o qual constatou o quanto a existência humana, até na sua forma mais degradante e dolorosa, clama por um sentido. A partir desse entendimento é possível observar que mesmo sem esperanças e no mais difícil momento da vida o ser humano pode resignificar e reavaliar suas vivências.

Pesquisas mostram como tem aumentado o número de adultos jovens que têm tentado tirar a própria vida. A disciplina de Clínica Ampliada norteia a Psicologia para que chegue às diversas classes sociais, e que apesar das dificuldades do sistema público, é possível alcançar todo tipo de pessoas, em suas diversas faixas etárias e diferentes problemas de saúde. Nos Estágios Básicos surge a possibilidade de ver de perto a necessidade da Psicologia alcançar o ser humano nos seus momentos de fraqueza e dificuldades e o quanto antes, quando ainda é possível fazer uma intervenção.

A disciplina de Intervenção Clínica na Vida Adulta oportunizou o trabalho em estudos de caso em que a paciente poderia ter recebido ajuda se as questões referentes ao suicídio e à depressão não estivessem tão estigmatizadas e a oportunidade de buscar meios estivesse disponível.

Durante o Laboratório de Práticas I foi possível vivenciar, na UBS, a necessidade de compreensão com relação aos pacientes com ideação suicida. Por diversas vezes uma breve e imediata intervenção se fez necessária atendendo pacientes logo após uma tentativa ou com ideação suicida. É possível perceber o quanto o tema está presente em nossa realidade atual, nos diversos ambientes e nas diferentes faixas etárias.

Segundo o Ministério da Saúde o Brasil lançou, juntamente com outros países, a “agenda estratégica para atingir meta da Organização Mundial da Saúde (OMS) de redução de 10% dos óbitos por suicídio até 2020” (<http://portalmms.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/29691-taxa-de-suicidio-e-maior-em-idosos-com-mais-de-70-anos>). No mundo, mais de oitocentas mil pessoas tiram a vida por ano, sendo essa a segunda maior causa de mortes entre jovens de 15 a 29 anos. O Sistema de Informação sobre Mortalidade de 2014 informa que, no Brasil, onze mil pessoas tiram a própria vida, por ano, em média, sendo a

quarta maior causa de morte nessa faixa etária. A maioria das tentativas de suicídio no Brasil é entre mulheres (69%), que também são mais reincidentes nas tentativas e o principal meio utilizado é o envenenamento ou intoxicação (57,6%). (<http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/Coletiva-suicidio-21-09.pdf>). Por este motivo a psicologia deve se comprometer na busca por estratégias na rede de atenção psicossocial visando o tratamento de pacientes que passam por algum momento relacionado à ideação suicida.

A juventude é o momento da vida em que o indivíduo se depara com a compreensão dos seus problemas e realidades significativas. Assumir maiores responsabilidades e tomar decisões autônomas abrem caminho para novos conteúdos afetivo-emocionais e a forma desse jovem estar no mundo (Bock, Furtado & Teixeira, 1998).

Segundo Pereira, Wilhelm, Koller e Almeida (2018) as mudanças que o jovem adulto enfrenta evidenciam a ansiedade e a angústia características dessa fase do desenvolvimento e, em consequência, aumentam o risco de suicídio nessa população.

A logoterapia foi escolhida para este trabalho pois ajuda o ser humano a buscar o sentido em sua vida. Dessa forma espera-se que a pessoa possa dar valor a algo em sua vida de maneira a superar seus momentos de desmotivação e desistência da vida. “Assim como o bumerangue somente volta ao caçador que o arremessou quando não acerta o alvo, ou seja, a caça, empenha-se com intensidade na auto-realização aquele homem que uma vez viu frustrada a realização de sentido e talvez sequer possuía condições para encontrar o sentido da realização de que aqui se trata” (Frankl, 1990, p.13).

Com base nos aspectos expostos este trabalho busca responder o seguinte problema de pesquisa: Quais possíveis contribuições do sentido da vida em adultos jovens com ideação suicida?

OBJETIVOS

Geral

Identificar contribuições do sentido da vida em adultos jovens com ideação suicida.

Específicos

Caracterizar ideação suicida;

Apresentar as características do adulto jovem;

Conceituar o sentido da vida a partir da logoterapia.

REVISÃO DA LITERATURA

Ideação Suicida

O suicídio, ato de concluir sua própria morte, é até hoje um dos assuntos mais difíceis de tratar na sociedade, visto que já por muitos séculos é considerado um crime, um pecado, um ato inconcebível. No século XIX o próprio Estado e a Igreja eram capazes de condenar um suicida pelo motivo dele cometer o crime de já ter se condenado à morte. O suicida era considerado tão desprezível quanto criminosos, muitos corpos não eram reconhecidos pelas famílias, sendo que muitos destes eram levados para as escolas de anatomia para dissecação (Alvarez, 1999).

Ainda hoje é possível perceber a vergonha e o preconceito com relação ao ato. A pessoa que tenta o suicídio não quer falar sobre, tanto pela exigência emocional quanto pela vergonha em admitir que teve tal intenção. A família do suicida não expõe o assunto, nas notícias do falecimento a causa nunca será dita quando for possível omiti-la.

Alvarez (1999) refere que para a teoria psicanalítica o suicídio seria um assassinato transposto, “um ato de hostilidade desviado do objeto e deslocado para o ego” (p. 63) sendo que esta ideia foi corroborada pela lei e superstição cristã que punia o suicida pendurando-o em uma forca, como se assim pudesse pagar pelo seu crime. Mesmo que se desconheça o que há após a morte é possível ouvir afirmações de que o suicida jamais entrará no céu, condenando-o apenas pelo seu ato, mesmo que observando seus bons feitos antes de tirar a própria vida (Alvarez, 1999).

Como um dos problemas que pode ser citado entre as principais causas de morte no mundo, o suicídio é então considerado uma questão de saúde pública. Não explicado como doença, mas colocado como um paradigma de fatores sociais, comportamentais e psiquiátricos. Sendo que os motivos que despertam a ideação suicida numa pessoa são tortuosos, contraditórios e invisíveis. Percebe-se que o sujeito que é capaz de cometer suicídio não possui recursos necessários em processos de solução de problemas, o que o deixa vulnerável a transtornos psicológicos e, assim, predispostos à ideação suicida (Alvarez, 1999).

No final do século XIX o suicídio é visto como uma necessidade lógica tornando-se parte da estrutura das artes, disseminando assim a ideia de que este era um preço a ser pago. Com a mente de Kierkegaard segue-se a nova e permanente condição das artes: a depressão. Nesta época Dostoiévski já falava sobre a falta de sentido nas coisas e na vida com relação às pessoas que deixavam cartas antes de cometerem suicídio (Alvarez, 1999).

Os períodos e as fases em que a sociedade se encontra demonstram semelhanças nos processos de enfrentamento do tema pela sociedade e pelas famílias, porém com o passar dos anos há sim uma evolução com relação ao preconceito e às dificuldades que as pessoas enfrentam. Com a evolução da medicina, o crescimento dos cuidados da saúde psíquica e a abertura de novas ideias entre as sociedades mais atuais, campanhas de valorização da vida e incentivo ao cuidado consigo mesmo, abrem espaço para a atenção ao tema (Alvarez, 1999).

O comportamento suicida exerce forte impacto nos serviços de saúde, além dos custos com medicação, hospitalização, entre outros, o impacto se dá também com relação à equipe de atendimento desse paciente. Mexer com a morte pode mobilizar pessoas com as quais o paciente terá contato, e mesmo que erroneamente, os profissionais acabam sendo agressivos, porque, segundo Cassorla (1991) “a um ato agressivo, reage-se também agressivamente”, sendo comum vermos “a pessoa que tenta suicídio sendo menosprezada ou maltratada pelos seus próximos e por equipes de saúde despreparadas” (p. 23).

Angerami-Camon (1997) refere que há estudos pormenorizados que demonstram que pessoas com constantes distúrbios emocionais e que se caracterizam principalmente pela dificuldade contínua de adaptação social e de relações interpessoais são as mais suscetíveis ao suicídio. Porém essas pessoas não podem ser rotuladas e englobadas numa categoria que as defina como potencialmente suicidas. Existe um número muito grande de fatores que incidem sobre a existência que, se feita essa rotulação, corre-se o risco de, ao desprezar tais fatores, tornar mero reducionismo teórico.

Como precursores ao suicídio estão o pensamento e a ideação suicida. Mesmo que diferentes, os conceitos de ideação e tentativas de suicídio se aproximam em sua concretização. Sendo considerado que a maioria dos indivíduos que se suicida tinha ideação suicida. A gravidade e a duração dos pensamentos suicidas estão ainda relacionadas com as tentativas que ocorrem, sendo que estas são suficientes para a efetividade do ato. Sendo, então, levada em consideração a relação entre pensamento e ato (Cassorla, 1991).

Alves (1991) afirma que o suicida é um artista que escreve sua tragicidade no seu próprio corpo e ainda refere que “no suicídio está em jogo o sentido da vida” (p.15). Assim, é considerado que a tentativa de acabar com a própria vida está diretamente ligada ao sentido que a ela se dá. Esta afirmação também vem para explicar as tentativas em que a pessoa diz ter cometido tal ato de maneira a demonstrar um pedido de ajuda. A este pedido deve ser dada a atenção necessária, pois a pessoa está demonstrando que não possui

recursos necessários para lidar com os problemas que surgem. E, ainda, após a primeira tentativa, outras podem vir a acontecer.

A experiência de buscar a própria morte muitas vezes é vista como única possibilidade de enfrentar a dor. É possível que exista um sentimento de extrema solidão e impossibilidade de buscar ajuda frente à situação dramática que vive a pessoa que tenta suicídio. As repetidas tentativas podem ser vistas pelos outros como encenações sem sentido ou risco, para apenas chamar a atenção, quando, na verdade, é a ausência de sentido que impulsiona esse ato. A repetição das tentativas alerta para a ocorrência de uma série de episódios que pode ter um final somente no ato fatal (Macedo & Werlang, 2007).

Por não saber o que é a morte, podemos inferir que o suicida não quer morrer. Para Cassorla (1991), “o suicida está tentando fugir de uma situação de sofrimento que chega às raias do insuportável” (p. 21). As fantasias inconscientes existentes podem variar, porém para muitas pessoas o encontro com uma vida de paz, sem sofrimento é tudo o que ela espera através desse ato. Para outras, o suicídio é uma maneira de vingar-se de algo, pois a agressão contra seu próprio corpo também refletirá na sociedade ou em pessoas específicas próximas. Ainda para outras pessoas que desejam tirar sua vida este ato tem relação com sentimentos de culpa, como forma de punição ou autodestruição (Cassorla, 1991).

Já Angerami-Camon (1997) afirma que a pessoa que busca o suicídio, muitas vezes, não tem a intenção do desaparecimento real e fatídico, mas muito mais possivelmente a busca de um paraíso. Está muito mais para a tentativa de resolver determinados conflitos, bem como o emaranhado de sofrimentos do que conhecer a morte.

Muitas vezes a culpa e a insegurança vividas pelas pessoas que não possuem suporte necessário para reivindicar e buscar seus direitos faz com que a pessoa se sinta humilhada e incapaz. Assim, a ideia é consumir a morte física, pois já ocorreram muitas outras mortes antes. O indivíduo não é capaz de sentir-se realizado no trabalho e afetivamente, a condição humana já está morta, substituída pela subserviência e humilhação. Esta é, para Cassorla (1991), a saída fatal.

Adulto Jovem

A psicologia não tem acompanhado as atualizações sobre a vida adulta da mesma forma que as outras fases do desenvolvimento humano. Porém, é possível distinguir o adulto por suas questões sociais, culturais e até mesmo físicas. Dificuldades na formação do adulto podem interferir em sua saúde mental. Por exemplo, na idade adulta as relações já devem estar estabelecidas, mas o jovem adulto tem adiado as relações sólidas e a criação

de filhos, o que há um tempo acontecia ainda na adolescência ou no momento dessa transição para a vida adulta. Geralmente, é nesse período que as pessoas iniciam seus relacionamentos a partir de amizades, baseados em amor e envolvidos em sua sexualidade, que podem então se prolongar pela maior parte de suas vidas. “A intimidade inclui a ideia de pertencer a alguém, formar relacionamentos fortes, estáveis e amorosos, é um poderoso motivador do comportamento humano, o qual afeta a mente e o corpo” (Busa, Silva & Rocha, 2019, p.4).

Griffa e Moreno (2001) referem que com o aumento na expectativa de vida a população jovem desfruta de mais saúde, sendo as doenças menos frequentes na juventude, onde então os jovens adultos representam o grupo populacional mais saudável, no qual os casos agudos predominam sobre os crônicos. Os mesmos autores citam que por volta dos anos 2000 a maior causa de morte nessa fase eram os acidentes e atos de violência, exemplificando que nos Estados Unidos estatísticas apontavam que, no caso da população de 18 a 30 anos, de cada quatro mortes, três eram violentas, causadas por acidentes, homicídios ou suicídios.

As exigências externas vividas nessa fase constituem um estado íntimo que faz o indivíduo se sentir adulto. Muita energia é despendida na construção e manutenção da sua subjetividade. O impulso da adolescência tende a diminuir e, em geral, a pessoa se torna mais ponderada e calma, o que a leva a refletir mais sobre suas vivências e descobertas. Nesse período da emergência da adultez o indivíduo tenta estruturar sua vida conforme o que já havia planejado na adolescência e início da vida adulta. A busca pela realização pessoal é evidente e as realizações profissionais também influenciam em sua maneira de organizar a vida, pela qual agora é totalmente responsável, podendo resultar em pressões, cobranças, exigências que muitas vezes acabam não tendo uma resolução adequada (Griffa & Moreno, 2001).

A adultez emergente, para Pereira et al. (2018), é uma fase ainda marcada pela busca da identidade, que não foi plenamente alcançada na adolescência, retesando assim essa busca. O que pode estender esta fase são as mudanças modernas que ocorrem na sociedade atual como o postergar dos comprometimentos definitivos como casamento, criação de filhos, trabalho fixo e decisão na carreira, advindos da entrada da mulher no mundo do trabalho, da exigência de maior qualificação profissional e da flexibilização dos relacionamentos.

Assim, ao passar pelo processo da maturidade o jovem dá-se conta que está alcançando sua meta de vida, pois “o conceito de maturidade é tirado da própria natureza e

refere-se à evolução que chega ao fim previsto. Amadurecer é progredir paulatinamente em direção a uma meta” (Griffa & Moreno, 2001, p. 85).

Outro momento significativo desta fase é a realização e conquista da intimidade, o que, muitas vezes, é fator determinante e influenciador em sentimentos de fracasso, isolamento e motivação para o suicídio, pois é uma realização necessária e bastante cobrada pela família e sociedade. Ao atingir a vida adulta muitos desses jovens esperam já ter conquistado um par ideal, ter passado por experiências ou, pelo menos, estar ingressando nestas relações, o que contribui para seu sentimento de autoconfiança (Griffa & Moreno, 2001).

Para que se estabeleça a maturidade do adulto o indivíduo passará por um processo em que terá a oportunidade de desenvolver suas defesas através dos fatores de proteção, que podem estar relacionados a características pessoais ou ainda do meio em que está inserido, assim como a família, amigos, redes de apoio, relações profissionais, entre outros. Estes meios podem auxiliar o jovem a enfrentar e compreender seu momento de vida e as mudanças pertinentes a ele. Com relação aos fatores de risco, estes podem ser advindos de desestruturação familiar, influência do meio social, desenvolvimento pessoal não sadio, entre outras características negativas (Pereira et al., 2018).

Outra característica da adolescência que perdura pela fase do adulto jovem é a exposição às situações de risco com o uso abusivo de álcool e/ou drogas, sexo sem proteção, necessidade de vivências perigosas como altura e velocidade, entre outros. A escolha de seus círculos sociais, das redes de apoio e suas próprias habilidades influenciarão diretamente em seus comportamentos e na resolução de seus problemas. “A ausência de fatores de proteção e a presença de fatores de risco geram menos recursos, aumentando as chances de desfechos negativos e acarretando vulnerabilidade para o desenvolvimento de problemas sociais e emocionais. Tais condições de vulnerabilidade podem levar os jovens a soluções drásticas como o suicídio” (Pereira et al., 2018, p. 3768).

A fase do adulto jovem é caracterizada pelas mudanças na sociedade contemporânea e como consequência disso pelo surgimento de novas demandas sociais. Com as diversas demandas, muitas vezes, os jovens sentem-se vulneráveis, caso não estejam preparados para lidar com os problemas que surgem. Dessa forma, esta população se torna vulnerável para fragilidades e transtornos psicológicos, que podem acarretar em ideação e tentativas de suicídio (Griffa & Moreno, 2001).

A rede de apoio psicossocial torna-se um suporte essencial, é imprescindível que ela seja destacada pelo profissional da saúde mental e compreendida pelo sujeito. Considerando que o jovem adulto pode se sentir deslocado ou perdido por não saber como

agir perante situações adversas, essa rede de apoio formada por pessoas próximas como família e amigos pode acolher e orientar em processos delicados pelos quais o jovem adulto irá passar (Busa et al., 2019).

“Se há algo que diferencia um ser humano de outro é o sentido que cada um atribui à vida, já que vida não significa algo vago ou vazio, mas algo real e concreto, que configura a destinação de cada ser humano, que é diferente e única para cada um” (Griffa & Moreno, 2001, p. 225). É a partir da ideia de sentido da vida, na perspectiva da logoterapia, que será trabalhado a seguir.

Sentido da Vida

Uma das pessoas que passou pela experiência de trabalhar psicologia com suicidas foi Viktor Emil Frankl (1905 - 1997) quando se dedicava à profilaxia das crises e à saúde psíquica no Pavilhão das Suicidas em Steinhof. Nessa época o então psiquiatra percebe os recursos psicológicos e trabalha seus pacientes que, diante do sofrimento, da culpa e da morte ainda lutam pelas possibilidades de uma existência plena de sentido (Frankl & Lapide, 2014).

A partir dessa ideia é possível afirmar que a logoterapia pode ajudar no tratamento de pacientes com ideação suicida. Frankl e Lapide (2014), nos trazem “o conceito da Logoterapia como uma psicoterapia, que trata adicionalmente do esclarecimento e da cura dos conflitos psicológicos e das pressões da dimensão mental do homem” (p. 11). Os autores referem essa vertente “como uma psicologia, que não se limita a adentrar os profundos conflitos psíquicos interiores, mas que também se volta para os desejos psíquicos e transmórbidos do paciente e os admite em toda a sua autenticidade” (p. 14).

Dessa maneira, com o objetivo de distinguir sua teoria da psicanálise de Sigmund Freud, Frankl tenta mostrar que nem sempre o ser humano busca o princípio do prazer, mas que este sempre demonstrará a necessidade de ter um sentido na vida (Frankl & Lapide, 2014).

Asagba (2014) refere que o fundamento da logoterapia está “na crença plena da habilidade humana para possuir liberdade da vontade desde a concepção até o final da vida e em qualquer circunstância” (p. 74). Em qualquer situação que esteja uma pessoa, diante de um fracasso, perdas, problemas de saúde ou por pior que seja a situação, a vida sempre oferecerá possibilidades de sentido. Quando uma pessoa desiste de viver ou não encontra mais motivos para continuar ela admite que não possui mais sentido na vida. A busca desses significados mostra que a vida sempre terá um sentido (Asagba, 2014).

O sentido da vida pode ainda distinguir-se em dois tipos, um sentido último que não se pode alcançar no curso da vida, onde este sentido é visto como algo que forma parte de um plano maior, ou então crer que a vida é um caos e que somos vítimas. E ainda o sentido do momento, que existe ao longo da vida, a partir de situações únicas com significados atribuídos a momentos particulares (Asagba, 2014). Além de concreto, o sentido é único para cada pessoa, em cada situação individual. De maneira alguma seria algo universal ou abstrato, pelo contrário, é esse concreto que o sujeito deve realizar (Santos, 2016).

Frankl (1990) cita um estudo realizado a partir de cinquenta tentativas de suicídio que comprova que nenhum tipo de problema financeiro ou doenças se atribui à causalidade das tentativas, mas a “ausência de esperança, ausência de conteúdo, gerando o tédio e, portanto, a insatisfação dos anseios humanos, na luta do homem por um conteúdo de vida válido” (p.104).

Na verdade a pessoa, propriamente e originalmente, aspira a ser feliz, ela realmente quer não a felicidade em si mesma, mas antes um motivo para ser feliz. Ela é movida não pela vontade do poder, nem pela vontade de prazer, mas sim pela vontade de sentido (Frankl, 1990).

Um dos pilares da logoterapia é a vontade de sentido, esta “se refere à busca contínua do ser humano por um sentido em sua vida” (Santos, 2016, p. 133). Entendida por Frankl e Lapidé (2014) como “interesse primário do ser humano” (p. 63). A ausência dessa vontade de sentido pode ser atribuída como ponto principal a ser observado em pacientes com ideação suicida.

Para Asagba (2014) “A liberdade da vontade é inata e vem junto com a vontade de sentido e pelo sentido da vida” (p. 74). Estes são os três pilares que fundamentam a logoterapia e podem ajudar na reflexão sobre o sentido da existência. A partir da consciência destes é que são tomadas as decisões, são percebidas as alternativas e feitas as escolhas. Através da autoconsciência o ser humano descobre o sentido por si mesmo (Asagba, 2014).

Os três caminhos que permitiriam encontrar o sentido da vida se dão através de valores. O primeiro seriam os valores de criação que se referem àquilo que se oferece ao mundo por meio de atividades e da execução do trabalho, ou seja, praticando um ato. Os valores de vivência que se referem ao sentido que é encontrado naquilo que se recebe do mundo, nas relações interpessoais, com a experiência de algo ou ao encontrar alguém. E ainda os valores de atitude que se dão através de significados ao enfrentar aquilo que não pode ser evitado, ou seja, pelas decisões tomadas em momentos difíceis (Kroeff, 2014).

Para Frankl (1990) não é necessário o sofrimento para encontrar sentido, porém ele adverte que “o sentido é possível mesmo a despeito do sofrimento - desde que, naturalmente, o sofrimento seja inevitável” (p. 101-102). Assim, essa atitude tomada frente às experiências de sofrimento, as quais acontecem durante a vida, está relacionada com a conexão entre a tríade trágica e o sentido da vida. É através destas atitudes que nos são proporcionadas possibilidades de sentido para a vida (Kroeff, 2014).

O sofrimento pode se desdobrar na denominada tríade trágica do ser humano, composta pela dor, culpa e morte. Ao ser reafirmado o sofrimento se transformará em conquista, convertendo a tragédia em triunfo pessoal. Assim, os valores atitudinais oferecem ao ser humano o sentido mais elevado possível e ele pode ser encontrado mesmo diante de um destino imutável. Os valores de atitude perante a tríade trágica do ser humano podem levar a descobrir um suprasentido, compreendido por meio de amor e fé (Santos, 2016).

Um tipo especial de sofrimento é a culpa, natural do ser humano, que é sentida pelo fato de se ter consciência e ser guiado por valores. Frankl (em Kroeff, 2014) afirma que “é prerrogativa do homem tornar-se culpado - e sua responsabilidade superar a culpa” (p. 64). Desta maneira, o ser humano deve superar a culpa, pois esta não vai livrá-lo da possível responsabilidade de reparar seu erro e também não exime a pessoa de continuar a realizar o sentido. Deve-se aproveitar a oportunidade de transformar-se como pessoa e repensar suas ações futuras (Kroeff, 2014).

Tendo o ser humano ciência de sua finitude deve reconhecer também a limitação de suas possibilidades na realização de sentidos. Desta forma o ideal é que o ser humano reflita sobre a passagem do tempo e as realizações que quer concretizar, pois as possibilidades de concretização são também finitas. Para que a morte faça encontrar um sentido é necessário que sirva de lição de vida, ou ainda que seja um dever a ser cumprido despertando o sentido em outras pessoas (Kroeff, 2014).

Mesmo que a morte ofereça algum sentido, a dor de sua presença não necessariamente será apagada. Este sentido ajudará a enfrentar e suportar a dor da perda, amenizando o desespero e ajudando a pessoa a afastar-se da passividade perante a morte (Kroeff, 2014). Segundo Frankl (1991) o desespero é o resultado de um sofrimento sem sentido e que se “ao sofrimento agregarmos o sentido, o desespero desaparece” (p. 41). Pensar na morte faz o ser humano refletir no que pode interromper ou impedir em sua vida e o impulsiona a ir em direção de seus objetivos, pois “a morte somente tem sentido de ser pensada em relação com o significado que tenha para a vida” (Kroeff, 2014, p. 69).

Frankl (em Asagba, 2014), refere que a habilidade de autodescobrimento, distanciamento e transcendência dirige o homem a algo que está mais além de si mesmo, que, quando se dá em relação a outras pessoas ou à natureza são os valores de experiência. Quando se desenvolve a habilidade de perceber o sofrimento em sua maneira de sentir, sendo mais importante que o porquê de sentir, se chega aos valores de atitude. E ainda, o valor que se dá aquilo que a pessoa faz ou oferece ao mundo são os valores de criação.

O autodistanciamento permite que a pessoa se afaste e consiga olhar sob outra perspectiva, para que consiga ver as possibilidades de solução, porque a pessoa não é o seu problema, então pode enfrentá-lo. Assim ela pode fazer suas escolhas com relação a si mesmo (Kroeff, 2014).

A autotranscendência demonstra a ideia de que o ser humano sempre agirá e viverá para algo ou alguém. Permite ao ser humano ir mais além dele mesmo, de abrir-se ao mundo e aos outros, seja para encontrar um outro ser humano ou realizar algo (Kroeff, 2014). Para tanto, ao se referir ao amor Frankl (1990) afirma que ele serve para fazer com que vejamos o outro como ele é, indo além de suas características, percebendo, assim, suas potencialidades e fazendo com que estas sejam desenvolvidas.

Para toda e qualquer situação a vida sempre oferecerá possibilidades de sentido, sendo esta busca a motivação mais básica do ser humano. Através dos valores é possível encontrar este sentido da vida, que nunca será comum a todos os seres humanos, pois o sentido é algo pessoal e intransferível. “Ter um sentido para a vida é um requisito para a saúde mental” (Kroeff, 2014).

MÉTODO

Fonte

A fonte de pesquisa utilizada para desenvolver este trabalho foi o filme “A liberdade é azul” (Karmitz & Kieślowski, 1993). O filme é o primeiro da série “Trilogia das Cores”, do gênero drama. É um filme francês, polaco e suíço que conta a história de Julie, esposa de um renomado maestro e compositor francês que morre em um acidente de carro, junto com a filha do casal, de apenas cinco anos de idade. A personagem, única sobrevivente da tragédia, vê-se na situação de ter que lidar com as perdas e seguir sua vida sozinha. Julie tenta o suicídio, porém não concretiza o ato. Outras vezes demonstra vontade de morrer, mas, sem coragem de se entregar à morte, tenta seguir a vida. Ao resolver os assuntos financeiros e de trabalho ela descobre detalhes da vida do esposo dos quais não tinha conhecimento, resignificando sua vida e buscando um novo sentido.

Delineamento

O trabalho foi desenvolvido a partir do delineamento qualitativo que busca uma interpretação resultante de descrições e compreensões de significados. Deu-se através da pesquisa exploratória e interpretativa tendo como objetivo ampliar as perspectivas de investigação na área, sendo que, segundo Salvador (1977), “a leitura exploratória visa, pois, a dar uma visão superficial das reais possibilidades de referência”, buscando assim “uma ideia bastante exata da localização e das reais possibilidades das informações existentes” (p. 97). Com a pesquisa interpretativa pretende-se aprofundar a investigação de um dado fenômeno e utilizar uma vertente teórica para análise e interpretação dos dados.

Instrumento

Para este trabalho foi utilizada uma tabela que tem a finalidade de agrupar, de maneira simples, os dados tratados para serem integrados e explorados no texto seguinte (Laville & Dionne, 1999). As cenas do filme “A liberdade é azul” (1993) foram separadas de maneira a facilitar a identificação e visualização, sendo posteriormente transcritas e categorizadas na tabela com a finalidade de alcançar o objetivo.

Procedimentos

Primeiramente o filme foi assistido diversas vezes para ser feita a definição das cenas que foram selecionadas e, então, utilizadas. Na sequência, foi realizada a transcrição e

categorização na tabela e, assim, a análise das mesmas de acordo com a análise de conteúdo de Laville e Dionne (1999).

Referencial de Análise

O referencial de análise foi baseado na análise de conteúdo de Laville e Dionne (1999), que orientam a selecionar e separar o material, em seguida descrevê-lo a partir de notas sobre a fonte e fazer um breve relato de seu conteúdo evidenciando as ideias principais. Tem como objetivo auxiliar o pesquisador a identificar e ponderar o material. “O princípio da análise de conteúdo: consiste em desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação” (Laville & Dionne, 1999, p. 214).

O recorte dos conteúdos se deu por meio do modelo aberto com categorias *a posteriori*, ou seja, “as categorias não são fixas no início, mas tomam forma no curso da própria análise” (Laville & Dionne, 1999, p. 219).

A análise de conteúdo resultou numa modalidade de cunho qualitativo, não havendo regras definidas, o que não significa que o procedimento seja aleatório e subjetivo, pelo contrário, é necessário certificar-se de que ela siga sendo estruturada e sistemática, de maneira a conservar a forma literal dos dados (Laville & Dionne, 1999).

A estratégia utilizada como modo de interpretação foi o emparelhamento, que consiste em relacionar as informações investigadas a um modelo teórico com a finalidade de compará-los (Laville & Dionne, 1999).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para identificar as possíveis contribuições do sentido da vida em adultos jovens com ideação suicida, objetivo geral deste trabalho, foram definidas 14 cenas do filme “A liberdade é azul” (1993), a partir das quais serão trazidas reflexões acerca do assunto. As hipóteses levantadas se darão em relação à Julie, personagem principal do filme, que perdera sua família em um acidente de trânsito e segue, então, sozinha a busca pelo sentido de sua vida. Será feito o emparelhamento da ideação suicida apresentada pela personagem, as características da fase do adulto jovem e a busca do sentido em sua vida com a teoria já apresentada. As cenas foram divididas nas seguintes categorias de análise:

1. Ideação Suicida;
2. Vivências do Jovem Adulto;
3. Sentido da Vida.

A Tabela 1 identifica as categorias, unidades de análise e as cenas utilizadas no estudo.

Tabela 1

Categorias, Unidades de Análise e Cenas Correspondentes

Categorias	Unidades de análise	Cenas
1. Ideação Suicida	Tentativa de suicídio	Cena 03 (00:05:00-00:07:02)
	Vontade de morrer	Cena 09 (00:43:58-00:44:34)
		Cena 11 (01:16:07-01:16:41)
2. Vivências do Jovem Adulto	Família nuclear constituída	Cena 01 (00:02:12-00:03:30)
		Cena 06 (00:17:04-00:17:55)
	Separação da família de origem	Cena 06 (00:17:04-00:17:55)
		Cena 10 (00:53:44-00:56:42)
	Trabalho	Cena 14 (01:22:35-01:24:10)
3. Sentido da Vida	Tríade trágica (sofrimento e morte)	Cena 02 (00:03:50-00:04:50)
		Cena 05 (00:08:50-00:10:19)
	Tríade trágica (sofrimento)	Cena 04 (00:07:05-00:08:30)
	Valores de atitude	Cena 06 (00:17:04-00:17:55)
		Cena 08 (00:28:23-00:31:02)
		Cena 13 (01:20:29-01:21:52)

Valores de criação	Cena 07 (00:20:08-00:21:26)
	Cena 14 (01:22:35-01:24:10)
Valores de vivência	Cena 06 (00:17:04-00:17:55)
	Cena 12 (01:18:22-01:20:28)
	Cena 13 (01:20:29-01:21:52)

Categoria 1: Ideação Suicida

A categoria 1 está relacionada ao primeiro tema abordado: a ideação suicida. Nela foram separadas duas unidades de análise: tentativa de suicídio e vontade de morrer. A ideação suicida compreende os pensamentos relacionados ao suicídio, a tentativa de cometê-lo e sua consumação em si. No filme a personagem faz uma tentativa, mas desiste. Mesmo assim, outras vezes, inevitavelmente passa pela situação em que demonstra vontade de morrer. Nessas cenas, não necessariamente tenta o suicídio, mas demonstra em seus atos o quão difícil está sendo continuar a viver.

Tabela 2

Categoria 1 - Ideação Suicida

Unidades de análise	Cenas
Tentativa de suicídio	<p>Cena 03: Julie quebra o vidro de uma janela do hospital onde se recupera do acidente. A enfermeira sai da farmácia para verificar o que está acontecendo. Enquanto isso, Julie foge do quarto indo em direção à farmácia, pega um frasco de medicamentos e coloca todos os comprimidos de uma vez na boca. Ao perceber que não havia ninguém mais no hospital a enfermeira volta e encontra Julie cuspiendo os medicamentos. Julie a vê e confessa:</p> <p>_Não posso, não consigo... Fui eu que quebrei a janela do corredor.</p> <p>Devolve os comprimidos à enfermeira que compreende a situação e responde:</p> <p>_Não tem problema, colocarão outra.</p>

Vontade de morrer

Cena 09: Como de costume, Julie vai ao clube para nadar. Ao atravessar a extensão da piscina para na borda e escuta uma música clássica. Solta da borda da piscina com os olhos fechados e se deixa submergir. Julie bóia na água com o rosto voltado para baixo.

Vontade de morrer

Cena 11: Julie mergulha na piscina onde costuma nadar atravessando por vários metros sem respirar, debaixo d'água. Ao tornar à superfície tosse cuspidando a água com a qual se afoga por ter ficado tempo demais sem respirar.

O Ministério da Saúde divulgou na campanha do Setembro Amarelo do ano de 2018 dados sobre tentativas e óbitos por suicídio no Brasil. O levantamento aponta que a intoxicação exógena é o meio utilizado por mais da metade das tentativas de suicídio notificadas. Com relação à consumação do ato, a intoxicação é a segunda causa, com 18%, ficando atrás das mortes por enforcamento, que atingem 60% do total de suicídios cometidos (<http://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/44404-novos-dados-reforcam-a-importancia-da-prevencao-do-suicidio>). É através da intoxicação exógena que Julie faz a tentativa de suicídio ainda no começo do filme. Na cena 03 Julie coloca a quantidade de um frasco de comprimidos na boca e os tenta engolir. Assim que percebe não ter coragem de cometer o suicídio ela desiste.

Segundo Botega et al. (em Lima & Sá, 2018) entre 15% e 25% das pessoas que tiveram uma tentativa de suicídio tentarão novamente no próximo ano e 10% consumarão o ato nos próximos 10 anos. Por isso a tentativa que Julie fez deve ser considerada evitando que o ato torne a se repetir e ainda para que não seja consumado. Outra questão que deve ser levada em conta é que um dos fatores de risco para o comportamento suicida é caracterizado por perdas recentes, como no caso de Julie, que perdeu tragicamente seu marido e sua filha há pouco tempo.

Pacciolla (2018) refere o dilema existencial: “talvez aqueles que não cometem suicídio não alcançaram esse nível de desespero que o tornaria tão desesperado para fazê-lo escolher a morte em vez da vida” (p.51). Pessoas que se suicidam ou tentam suicídio se

encontram em um momento incompreensível, uma dor insuportável, um contexto de desespero. “O pensamento de suicídio vem à mente de todos aqueles que enfrentam situações extremamente dolorosas e desesperadas” (p. 50). Assim como Julie, que no momento em que vive a perda da família encontra-se em um nível de desespero que a faz escolher a morte em vez da vida, tentando assim o suicídio. A ideação suicida faz com que o indivíduo seja tomado pela ansiedade e angústia dificultando cada vez mais a resolução dos seus problemas.

Julie demonstra seu esforço na tentativa de manter-se após a perda irreparável que sofreu, porém nas cenas 09 e 11, quando vai nadar na piscina, ela demonstra sua vontade de morrer deixando-se submergir na água. Ao atravessar a piscina, Julie permanece tempo demais sem tornar à superfície. Na cena 11 acaba engolindo água e se afogando, reforçando a ideia de que não queria sair viva da água. Pacciolla (2018) refere que para o DSM-5 oito características gerais fazem a correlação do suicídio com o contexto psicológico. Entre estas características estão os pensamentos sobre morte, a ideação suicida e tentativas de suicídio que são comuns, variando desde um desejo passivo de não acordar pela manhã ou simplesmente desistir de viver, até planos específicos para se matar. Julie demonstra esse sentimento de não querer permanecer vivendo quando se solta na piscina nas cenas citadas. Nesses momentos deixa evidenciar sua fragilidade e a necessidade de fortalecimento de sua dimensão saudável para que sejam encontradas novas expectativas para direcioná-la.

Categoria 2: Vivências do Adulto Jovem

Essa categoria aborda as características que indicam a fase do adulto jovem. Como aspectos caracterizadores foram encontrados a família nuclear constituída, a separação da família de origem e o trabalho. Esses marcos na vida de uma pessoa são evidências da fase do adulto jovem em desenvolvimento, onde se disponibiliza às suas realizações, à busca de posições sociais e estabelecimento de papéis (Andrade, 2010).

Tabela 3

Categoria 2 - Vivências do Adulto Jovem

Unidades de análise	Cenas
Família nuclear constituída	Cena 01: Cena inicial do filme, um casal sai em viagem com sua filha, o clima apresenta bastante nebulosidade e o carro sai da pista

	chocando-se em uma árvore. Neste acidente morrem o pai e a filha de cinco anos e apenas a mulher sobrevive.
Separação da família de origem Família nuclear constituída	Cena 06: Julie resolve os assuntos financeiros e de moradia com o advogado. Neste momento afirma que ninguém deve saber sobre suas decisões. Define que será paga a permanência da mãe no asilo onde reside até que ela morra. Ordena que sejam vendidos todos os bens que tinha com o marido.
Separação da família de origem	Cena 10: Julie visita sua mãe em uma casa de repouso para contar sobre o acidente e fala o quanto era feliz com sua família. A mãe se confunde lhe chamando pelo nome de outra pessoa e diz: _Me disseram que você tinha morrido, me parece tão bem, tão jovem. Julie a lembra: _Não sou sua irmã, mamãe, sou sua filha. Tenho 33 anos.
Trabalho	Cena 14: Nessa cena Julie aparece compondo. Ela liga para Olivier e diz que já terminou a música, que ele pode ir buscá-la. Olivier responde: _Eu não vou buscá-la, pensei a semana toda... Essa música pode ser a minha música, um pouco barulhenta, não tão perfeita, mas é minha ou sua. Agora será necessário dizer a todo mundo, está ouvindo? Julie pensa um pouco e responde: _Estou. Você tem razão.

Segundo Lima, Cortinaz e Nunes (2018) no período de início da vida adulta se apresenta o desenvolvimento físico do sujeito em seu ápice, e no final desse período um ligeiro declínio. Em relação ao desenvolvimento cognitivo é possível destacar que os pensamentos e julgamentos morais se tornam mais complexos se comparados aos períodos anteriores, o que justifica, de certa forma, o aumento de casos de suicídio nessa fase.

Também é nesse período que decisões sobre relacionamentos e estilos de vida são tomados como a constituição do casamento e a decisão de ter filhos, como na fase da personagem Julie, que aos 33 anos tinha seu casamento consolidado e uma filha de 5 anos, como visto na cena 01.

Como já citado por Griffa e Moreno (2001) entre os jovens adultos as doenças são menos frequentes representando o grupo populacional mais saudável. A maior causa de morte nessa fase são os acidentes e atos de violência. Na cena 01 aparecem essas duas causas: o acidente onde morre o marido de Julie e o ato de violência que ela comete contra si mesmo através da tentativa de suicídio.

É possível perceber a configuração da família que protagoniza a história: um homem como pai de família, sua esposa que o acompanha e a filha do casal. Assim, observa-se a fase do jovem adulto em que Julie (a mãe) se encontra, não pela questão etária, mas nas expectativas em torno da aceitação de si enquanto adulto e na construção de uma vida familiar distinta da família de origem que a jovem apresenta (Mota & Rocha, 2012).

Permanecer ou retornar para a casa dos pais pode demonstrar certa dependência emocional, que pode se acentuar em situações de crise para a garantia de apoio emocional e no enfrentamento de situações difíceis (Andrade, 2016). No caso de Julie, retornar para próximo da mãe após perder a família que havia constituído não foi uma possibilidade devido à doença de *Alzheimer* da qual sua mãe está acometida. Na cena 10 Julie demonstra a preocupação com a mãe, mas sua independência fica clara quando constituiu sua família, antes do acidente, demonstrando a separação da família de origem de uma maneira saudável.

Na cena 06, mesmo quando se vê sem ninguém, Julie assume as responsabilidades deixadas pelo marido e não demonstra intenção de voltar para junto da mãe. Andrade (2010) menciona idades correspondentes às expectativas e objetivos dos jovens que saem de casa. Um dos motivos que estes o fazem é para a constituição de sua própria família que, quando acontece antes dos 17 anos é considerada cedo, entre os 18 e 24 anos é a saída na “altura certa” e dos 25 aos 30 anos pode ser vista como saída tardia. O filme não revela detalhes da saída de Julie de casa, porém mostra que ela, aos 33 anos de idade, mantinha

uma família constituída, o que caracteriza seu desenvolvimento e curso de vida dentro das expectativas da fase do adulto jovem.

Com a diminuição do apoio parental que as condições oferecem à Julie surge o compromisso identitário relacional com outros e com a sociedade no geral, o que lhe obriga a buscar alternativas para continuar suas atividades. Após grandes perdas o jovem adulto saudável cria condições favoráveis para retomar sua vida, inclusive dedicando-se ao trabalho, como Julie o fez mais ao final do filme (Andrade, 2016).

A entrada no mercado de trabalho desempenha um papel determinante nas vivências pessoais que garantem a constituição do autoconceito. O papel profissional que o adulto jovem assume legitima a construção de sua identidade pessoal e social (Andrade, 2016), o que confirma a responsabilidade de Julie ao assumir o mercado de trabalho quando recomeça sua vida. Na cena 14 Julie demonstra o quanto o trabalho é importante e organizador. Segundo Andrade (2016) o trabalho tem um papel essencial para a construção da identidade, autoconceito e autoimagem, contribuindo para que o sujeito encontre o sentido em sua vida. Assim, através da retomada do trabalho, Julie volta a buscar o sentido na vida, apostando novamente nos valores, conceitos que serão retomados a seguir.

Categoria 3: Sentido da Vida

A categoria 3 aborda o sentido da vida. Para Xausa (1988) “o sentido da vida é um problema caracteristicamente humano e uma indagação que todo o homem faz a si mesmo. Para assumir um compromisso com a vida é preciso descobrir-lhe o sentido. O sentido assume, portanto, uma importância vital” (p.139). Nesta categoria serão discutidas as seguintes unidades de análise: tríade trágica (sofrimento e morte), valores de criação, valores de atitude e valores de vivência.

Tabela 4

Categoria 3 - Sentido da Vida

Unidades de análise	Cenas
Tríade trágica (sofrimento e morte)	Cena 02: A personagem principal Julie, única sobrevivente do acidente que a família sofreu, está deitada na cama de um hospital quando se aproxima um médico e lhe dá a notícia de que seu marido e sua filha perderam a vida. O médico pergunta:

_Está em condições de falar?

Julie não responde, o médico prossegue:

_Durante o... estava consciente? Lamento informar, seu marido morreu no acidente... Você não esteve consciente o tempo todo.

Ainda em silêncio ela se volta ao médico e pergunta:

_Anna?

Ele confirma:

_Sim, sua filha também.

Julie fecha os olhos e, chorando, volta o rosto para o travesseiro.

Tríade trágica (sofrimento)

Cena 04: Após ter passado alguns dias Julie ainda está na cama. Recebe a visita de um amigo da família que pergunta:

_Posso fazer alguma coisa por você?

Julie não responde, apenas fecha os olhos e segue na cama, sem reação.

Tríade trágica (sofrimento e morte)

Cena 05: Julie acompanha as imagens do sepultamento de seu marido e sua filha pela televisão. A cerimônia traz os trabalhos do músico e são feitas homenagens por suas composições. Julie chora passando a mão na tela quando aparece o caixão da filha.

Valores de atitude

Valores de vivência

Cena 06: Julie resolve os assuntos financeiros e de moradia com o advogado. Neste momento afirma que ninguém deve saber sobre suas decisões. Define que será paga a permanência da mãe no asilo onde reside até que ela morra e ordena que sejam vendidos todos os bens.

Valores de criação

Cena 07: Julie vai até o estúdio onde as músicas eram compostas e pede para a secretária uma

composição específica. A secretária fala que aguardava uma decisão de Julie com relação às partituras. Julie analisa algumas músicas, a moça pergunta:

_Muitas correções?

Julie responde:

_Não mais que o normal.

Julie sai do estúdio com algumas partituras na mão, aproxima-se do caminhão de lixo e as joga lá dentro.

Neste momento, em que Julie decide sobre algumas composições originais, entende-se que era ela quem compunha e não seu marido, como era exposto na mídia.

Valores de atitude

Cena 08: Julie procura um novo local para morar. Quando negocia com o rapaz da imobiliária ele pergunta:

_Qual a sua ocupação?

Ela responde:

_Nenhuma.

Ele insiste:

_Eu quis perguntar o que a senhora faz?

Julie mantém sua negativa:

_Nada.

Rapaz da imobiliária:

_Absolutamente nada?

Julie:

_Absolutamente nada.

Ao seguir a negociação do apartamento, o rapaz pergunta seu nome e ela responde:

_Julie de Courcy, com “y”. Ah, desculpe... é Julie Vignon, voltei a assinar meu nome de solteira.

Valores de vivência

Cena 12: Julie, juntamente com o amigo da

família Olivier, retoma as composições, ensaia e continua a criação das músicas em que trabalhavam antes de seu marido falecer.

Valores de atitude

Cena 13: Julie pergunta a Olivier se a casa em que morava com a família já havia sido vendida, ele responde que não sabe, então ela pede:

Valores de vivência

_Diga a ele pra não vender.

Na sequência Julie volta à casa, recebe a amante de seu marido - que está grávida dele. Julie mostra a casa a ela apresentando-lhe os cômodos e pergunta:

_Vai ser menino ou menina?

A mulher responde:

_Um menino.

Julie:

_Já sabe como vai chamar?

A mulher confirma:

_Sim.

Julie complementa:

_Acho que devia ter o nome dele e morar aqui, nesta casa.

Valores de criação

Cena 14: Nessa cena Julie aparece compondo. Ela liga para Olivier e diz que já terminou a música, que ele pode ir buscá-la. Olivier responde: _Eu não vou buscá-la, pensei a semana toda... Esta música pode ser a minha música, um pouco barulhenta, não é perfeita, mas é minha ou sua. Agora será necessário dizer a todo mundo, está ouvindo?

Para o ser humano a problemática do sentido de vida surgirá quando aparecer uma vivência perturbadora, e nessa busca do sentido de vida, segundo a logoterapia, se procura

a consciencialização do espiritual para a busca do sentido da vida (Oliveira, Oliveira, Ribeiro, Neves & Sá, 2018).

Frankl (1990) reconhece a inevitabilidade existencial do sofrimento, e atenta para a possibilidade de sentido no encontro com a tríade trágica. Para o autor o processo de sofrimento é a base para o enfrentamento e a partir do sentido do sofrimento o sujeito tem a oportunidade de crescer e amadurecer. Na cena 02, quando Julie está deitada na cama do hospital e recebe o esclarecimento do acidente que tirou a vida de seu marido e de sua filha é possível entender que há dor e sofrimento sendo vivenciados a partir da experiência de morte de dois entes queridos. Também, na cena 05, ainda no hospital, Julie assiste ao funeral de seus familiares pela televisão, deparando-se então com a tríade trágica, através do sofrimento e da morte.

A tolerância à resposta comportamental à dor varia de pessoa para pessoa, conforme fatores psicossociais e culturais, assim sendo, quando a dor é incompreendida pelas pessoas próximas tem-se como um fator dificultador da descoberta de sentido em sua vivência (Fernández, 2014). Não é possível medir ou traduzir a dor sentida por Julie, porém ela se vê sozinha, não tem nenhuma rede de apoio e necessita de um tempo para responder a essa dor. Na cena 04 o amigo da família lhe oferece ajuda, mas ela demonstra a necessidade de ter o seu próprio tempo para a resposta.

Na cena 07 Julie deixa claro que ali encerra seu trabalho, suas criações. Ao jogar as composições dentro do caminhão de lixo ela mostra o quanto aquilo perdeu o valor após o falecimento do marido, o qual assumia todas aquelas composições. O ato concreto de jogar direto no lixo demonstra a perda dos valores de criação. Assim, Julie liberta-se de algo que não traz mais sentido à vida e exercita a vontade de sentido.

Com o desenrolar da história entende-se que Julie executava a criação e composição das músicas sendo que seu marido levava a fama como maestro e compositor. Publicamente era ele quem assumia as composições, porém, o que quase ninguém sabia, era que Julie fazia parte total ou parcial das criações. É possível perceber que ela já se envolvia com o trabalho desde antes, porém na cena 14 ela se dá conta de que era necessário assumir e levar adiante as composições e realmente toma essa decisão.

Ainda nas cenas 12 e 14, ao final do filme, Julie aparece disposta a continuar os trabalhos de composição. Ela retorna para as atividades e, junto com Olivier, termina canções para lançá-las ao público. Neste momento ela deixa claro o quanto voltou à busca pelos valores de criação. Seu trabalho seguirá normalmente e ela volta a encontrar sentido através disso. Quando Olivier responde Julie dizendo que será necessário dizer a todo mundo que a música é uma criação deles, corrobora outro conceito da logoterapia que fala

que através dos valores criativos “o indivíduo deixa algo para o mundo, através de suas criações, de seu trabalho, nas ações que considera importantes e plenas, não só através de um emprego, mas de qualquer atividade que ele considere significativa” (Oliveira et. Al., 2018, p. 76). Nesse caso, para os dois personagens era algo que remetia a trabalho e valores financeiros, mas acima de tudo, perceberam que deveriam assumir as composições pela necessidade de deixar sua criação no mundo. Neste momento Julie volta a encontrar sentido em sua vida através das composições, ou seja, de suas criações. Na ausência do marido e com a ajuda de Olivier, amigo da família, Julie passa a criar e continua o trabalho perpetuando a realização de uma necessidade desta fase da vida.

O valor de criação no âmbito laboral é uma possibilidade na busca de sentido para o trabalhador considerando que é um caminho pelo qual a pessoa assume a possibilidade de deixar algo ao mundo (Aquino & Cagol, 2013). Na cena 06 Julie precisa dedicar-se à realização dos assuntos profissionais e dos negócios para voltar à busca de sentido em sua vida. Na cena 14 Julie dá significado às suas composições, pois, somente ela seria capaz de terminá-las. As composições que ela criaria ninguém mais seria capaz de criar, reproduzindo, assim, os valores de criação e de atitude, os quais despertam-na para a busca de sentido na vida.

Após o falecimento do marido, Julie assume a responsabilidade dos bens, assuntos financeiros, negociações e até mesmo sobre o futuro de composições que ainda não estavam lançadas ao público. São percebidos aqui os valores de atitude, ou seja, a maneira de Julie se posicionar frente às adversidades da vida e a partir dos momentos de sofrimento pelo qual está passando. O sentido no valor atitudinal está diretamente relacionado ao posicionamento que adotamos frente às experiências de sofrimento pelas quais temos que passar, pelo simples fato de existir. Essa atitude pode eventualmente proporcionar possibilidade de sentido para a vida (Kroeff, 2014). Julie apresentou uma desestruturação em sua vida ao perder a família, porém demonstra uma postura ativa com o passar dos dias de sofrimento, caracterizando os valores de atitude. A busca por esses valores fica clara nas cenas 06 e 08 quando toma decisões negociando os bens, acertando os cuidados da mãe no asilo, mudando de endereço, assumindo uma nova vida a partir de um recomeço. Também ao voltar a assinar seu nome de solteira ela demonstra a necessidade de retomar a vida colocando um ponto final na história que viveu até então com seu marido.

Na cena 13 fica claro o quanto Julie necessita mudar e recomeçar ao descobrir a traição do falecido marido. Julie percebe que não adianta remoer sua dor e guardar mágoas e então decide deixar a casa onde viviam para o bebê que vai nascer, fruto de uma traição de seu marido. Ela sugere o nome do falecido marido para a criança e consegue falar com a

amante dele cedendo-lhes a casa. A descoberta da traição do marido, juntamente com a decisão de venda dos bens que possuíam em conjunto, marca o ponto de início da transformação da vida de Julie e a busca de um novo sentido. Essa atitude favorável à vida que Julie toma frente aos obstáculos que se depara, reverberam na intrínseca capacidade resiliente do homem em momentos de sofrimento. Esse temível componente vital é, ao mesmo tempo, aliado à vida quando considerado como elemento propulsor para a realização, o crescimento e a autotranscendência do ser humano (Aquino & Cagol, 2013).

Julie consegue sair de uma situação de grande sofrimento e resgatar sua vida para que não permanecesse numa vida sem sentido. Esse poder de transformação se dá pela capacidade humana de se abrir de forma ilimitada ao mundo e perceber as diversas possibilidades que ele oferece. A essa abertura Frankl chama de autotranscendência, como forma de vencer o isolamento em si mesmo e romper os limites das introspecções que cegam e levam à angústia existencial (Xausa, 1988). Em outra análise, o conceito de autotranscendência conota a ideia de que o homem existencial é aquele que se lança ao mundo, destemido e altivo, ávido por experiências e conhecimento das possibilidades de superação das barreiras que o próprio mundo lhe apresenta, orientando-se dessa forma à conquista do sentido para sua existência (Aquino & Cagol, 2013).

É razoável considerar que Julie viu que ainda podia dar mais de si mesma, que suas capacidades poderiam ir além, através do sentido potencial do sofrimento, Julie pôde reconhecer, conforme Fernández (2014), a plenitude do significado incondicional da vida.

Segundo Lima e Sá (2018) os conceitos da logoterapia ajudam a direcionar o sujeito na sua busca por sentido, através do autodistanciamento da situação em que está imerso para que possa visualizar diferentes soluções em determinados momentos. Julie não pode solucionar o problema pelo qual estava passando, porém, de alguma forma, foi estimulada a lidar com a situação inerente a ela no momento em que enfrentava a perda.

Assim, mesmo na fase do adulto jovem e sem uma rede apoio, Julie aproximou-se da superação da situação após uma grande e significativa perda, transformando-se para lidar com o imutável da melhor maneira possível. Apesar da ideia suicida ela tem uma atitude repleta de sentido. Através dos valores de criação Julie busca realização em seu trabalho. Com os valores de atitude ela encontra significados ao enfrentar a morte da família, fato que não pôde ser evitado, tomando decisões nesses momentos difíceis para alcançar maneiras de buscar a vida, ao invés da morte. “Frankl acredita (e ensina) que a vida sempre tem um sentido e, portanto, em todas as situações é preciso sempre escolher a vida” que “sempre tem valor, sentido e significado em qualquer condição” (Pacciola, 2018, p. 51).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho acadêmico possibilitou a abordagem de um assunto considerado tabu, cheio de estigmas, observando o quanto ele pode ser presente e ao mesmo tempo silenciado na sociedade. O objetivo deste trabalho de conclusão de curso era identificar possíveis contribuições do sentido da vida em adultos jovens com ideação suicida, através dos objetivos específicos: caracterizar ideação suicida, apresentar as características biopsicossociais do adulto jovem e conceituar o sentido da vida a partir da logoterapia. Dessa forma, observa-se o êxito na busca de conceitos através da revisão de literatura e a importância da observação do artefato cultural para que resultasse no emparelhamento, sendo assim, atingido o objetivo geral e objetivos específicos desse trabalho.

Através desse estudo foi possível perceber o quanto contribuiu a busca do sentido da vida para que a personagem Julie, a partir dos valores de atitude e de criação, fosse capaz de enfrentar seu sofrimento e a morte da família percebendo um novo sentido em sua vida.

Durante a busca por um artefato cultural que pudesse projetar o assunto foi sentida uma grande dificuldade na pesquisa, sendo então um fator limitador para a conclusão deste trabalho. Raras são as publicações de materiais que relacionam a ideação suicida com a fase do adulto jovem, sendo bastante encontradas representando outras fases do desenvolvimento. Ainda, diversos filmes representam uma vida sem sentido, porém com o trágico final onde o suicídio é consumado. Só depois de uma longa pesquisa foi encontrado o filme *A liberdade é azul* (1993) para ser utilizado como artefato cultural. Tal filme representou de maneira clara a busca do sentido da vida mesmo com a presença da ideação suicida e sem o desfecho do ato do suicídio.

Esse trabalho observou a busca do sentido da vida em uma mulher jovem adulta com ideação suicida. A exploração de outras fases, gênero e perfis podem ampliar as informações facilitando em campanhas de prevenção. A rede multiprofissional do sistema público de saúde necessita de amparo teórico. Para tanto, sugere-se que novas pesquisas e estudos sejam efetivados observando possíveis causas relacionadas e modelos de assistência a pessoas com ideação suicida. Da mesma forma, o delineamento de estratégias que colaborem na identificação dos casos para que sejam observadas as características comuns a esses pacientes levando em consideração sua singularidade.

REFERÊNCIAS

- Alvarez, A. (1999). *O deus selvagem: um estudo do suicídio*. (S. Moreira, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1929)
- Alves, R. (1991) O morto que canta. In R. M. S. Cassorla (Coord.), *Do suicídio: Estudos brasileiros*. (pp. 11-15) Campinas, SP: Papirus.
- Andrade, C. (2010). Transição para a idade adulta: Das condições sociais às implicações psicológicas. *Análise Psicológica*, 28(2), 255-267. DOI: AP-XXVIII-2-pp255-267
- Andrade, C. (2016) A construção da identidade, auto-conceito e autonomia em adultos emergentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, 20(1), 137-146. DOI: 10.1590/2175-3539/2015/0201944
- Angerami-Camon, V. A. (1997). *Suicídio: Fragmentos de psicoterapia existencial*. São Paulo: Pioneira.
- Aquino, P. L. S. & Cagol, F. (2013). O sentido da vida no trabalho: contribuições da logoterapia para a qualidade de vida do trabalhador. *Logos & Existência*, 2 (2), 114-124. DOI: 17269/10095
- Asagba, R. B. (2014). A logoterapia como ferramenta para promover a saúde e o cuidado. In O. L. Oliveros & P. Kroeff (Orgs.), *Finitude e sentido da vida: A logoterapia no embate com a tríade trágica* (pp. 65-84). Porto Alegre: Evangraf.
- Bock, A. M. B., Furtado, O. & Teixeira, M. L. T. (1998). *Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologia* (14ª ed.). São Paulo: Saraiva.
- Busa, A. L. A., Silva, G. B., & Rocha, F. P. (2019). O luto do jovem adulto decorrente da morte dos pais pelo câncer. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, 1-13. DOI: 10.1590/1982-3703003183780
- Cassorla, R. M. S. (1991). *Do suicídio: Estudos brasileiros*. Campinas, SP: Papirus.
- Fernández, M. I. R. (2014). Sentido do sofrimento e transcendência. In O. L. Oliveros & P. Kroeff (Orgs.), *Finitude e sentido da vida: A logoterapia no embate com a tríade trágica* (pp. 151-191). Porto Alegre: Evangraf.
- Frankl, V. E. (1990). *Psicoterapia para todos: Uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva* (A. E. Allgayer, Trad., 2ª ed.) Petrópolis, RJ: Vozes.
- Frankl, V. E. (1991). *Em busca de sentido - um psicólogo no campo de concentração*. São Leopoldo, RS: Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1946)
- Frankl, V. E. & Lapide, P. (2014). *A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido: um diálogo*. (M. Neumann, Trad., 2ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1984)

- Griffa, M. C. & Moreno, J. E. (2001) *Chaves para a psicologia do desenvolvimento, tomo 2: adolescência, vida adulta, velhice*. (V. Vaccari, Trad.). São Paulo: Paulinas. (Trabalho original publicado em 1993)
- Karmitz, M. (Produtor) & K. Kieślowski (Diretor). (1993). *A liberdade é azul* [Filme]. França: MK2 Diffusion Distribuidora.
- Kroeff, P. (2014) *Logoterapia e existência: A importância do sentido da vida*. Porto Alegre: Evangraf.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas* (L. M. Siman, Revisão técnica e adaptação; H. Monteiro & F. Settineri, Trads.). Porto Alegre: Artmed / Belo Horizonte: UFMG Editora. (Trabalho original publicado em 1997)
- Lima, C. C. N., Cortinaz, T. & Nunes, A. R. (2018). *Desenvolvimento infantil*. Porto Alegre: Sagah.
- Lima, U. A. J. & Sá, L. B. M. (2018). O suicídio como problema de saúde pública e as contribuições da logoterapia para a prevenção. In U. A. J. de Lima & L. B. M. de Sá (Eds.), *Logoterapia e Suicídio: a busca de sentido como prevenção ao vazio existencial* (19-46). João Pessoa, PB: Editora Ideia.
- Macedo, M. M. K. & Werlang, B. S. G. (2007). Tentativa de suicídio: o traumático via ator. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(2), 185-194. DOI: 10.1590/S0102-37722007000200009
- Mota, C. P., & Rocha, M. (2012). Adolescência e jovem adultícia: crescimento pessoal, separação-individação e o jogo das relações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 357-366. DOI: 10.1590/S0102-37722012000300011
- Oliveira, L. C., Oliveira, M. J. C., Ribeiro, A. C. T., Neves, M. B. & Sá, L. B. M., (2018) Vazio existencial e suicídio. In U. A. J. de Lima & L. B. M. de Sá (Eds.), *Logoterapia e Suicídio: a busca de sentido como prevenção ao vazio existencial* (73-90). João Pessoa, PB: Editora Ideia.
- Pacciolla, A. (2018). Cognitivismo existencial e suicídio. In U. A. J. de Lima & L. B. M. de Sá (Eds.), *Logoterapia e Suicídio: a busca de sentido como prevenção ao vazio existencial* (47-71). João Pessoa, PB: Editora Ideia.
- Pereira, A. S., Willhelm, A. R., Koller, S. H. & Almeida, R. M. M. de (2018). Fatores de risco e proteção para tentativa de suicídio na adultez emergente. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23 (11), 3767-3777. DOI: 10.1590/1413-812320182311.29112016
- Salvador, A. D. (1977). *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica*. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora.

- Santos, D. M. B. dos. (2016). Logoterapia: compreendendo a teoria através de mapa de conceitos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 68(2), 128-142. DOI: v68n2/v68n2a11
- Xausa, I. A. M., (2011) *A psicologia do sentido da vida*. 2ª ed. São Paulo: Vide Editorial.